

MARCELO MÁXIMO PURIFI CAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
(ORGANIZADORES)



TEOLOGIA
E CIÊNCIA DA RELIGIÃO:
AGENDA PARA DISCUSSÃO

Atena
Editora
Ano 2019

MARCELO MÁXIMO PURIFI CAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
(ORGANIZADORES)



TEOLOGIA
E CIÊNCIA DA RELIGIÃO:
AGENDA PARA DISCUSSÃO


Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
T314	<p>Teologia e ciência da religião [recurso eletrônico] : agenda para discussão / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-845-8 DOI 10.22533/at.ed.458191912</p> <p>1. Religião. 2. Sociologia. 3. Teologia. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Catarino, Elisângela Maura.</p> <p style="text-align: right;">CDD 200.71</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A contemporaneidade marcada pela diversidade e a globalidade das culturas nos propõem discussões e relações dialógicas, com várias ciências, vários setores da sociedade. No contexto histórico, percebe-se que Teologia e Ciências da Religião, nem sempre tiveram relação harmoniosa, no entanto, não é finalidade desta obra estabelecer a linha epistemológica dessas duas áreas. Porém, como os diálogos aqui organizados direcionam-se para o campo acadêmico – resultados de estudos e investigações -, percebe-se, nessa situação, que tanto a Teologia quanto a Ciências da Religião, possuem em comum a função de regular o pensamento crítico.

O livro “Teologia e Ciências Da Religião: Agenda para Discussão” é uma obra estruturada no viés da religiosidade que traz 18 artigos, organizados em dois blocos, ambos, marcados pela pluralidade dos diálogos produzidos em contextos distintos do nosso país, que apresentam a perspectiva de autores que transitam muito bem pelas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Nesta obra o leitor encontrará temas múltiplos, vistos pela lupa da religiosidade, cujos vieses perpassam pela perspectiva do pensamento da Teologia e/ou da Ciências da Religião, tais como: Teologia Contemporânea; Formação Teológica; Atualidade do Espiritismo; Ecumenismo; Religiosidade Contemporânea; Relação Natureza e Religião; A Palavra de Deus na Liturgia entre outros.

Desse modo, apresentamos esta obra como uma opção de leitura dinâmica e diversa, com perspectiva de relevante diálogo com o contexto Teológico e com as Ciências da Religião nas interfaces com Ciências Humanas e Sociais.

Boa Leitura!

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino

PARTE I – INTERFACES COM A TEOLOGIA

CAPÍTULO 1	1
A LAUDATO SI' E A TEOLOGIA CONTEMPORÂNEA: REVIDE DE UMA ECO-TEOLOGIA ANCESTRAL	
Harethon Silveira Domingos	
DOI 10.22533/at.ed.4581919121	
CAPÍTULO 2	7
A IMPORTÂNCIA DA “INTELIGÊNCIA SENCIENTE”, DE XAVIER ZUBIRI, PARA A APREENSÃO DA REALIDADE LITÚRGICA	
Álvaro Moreira Gonçalves Fernando Benetti	
DOI 10.22533/at.ed.4581919122	
CAPÍTULO 3	18
FORMAÇÃO TEOLÓGICA PARA LEIGOS: ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO	
Omundsen de Melo Costa Junio	
DOI 10.22533/at.ed.4581919123	
CAPÍTULO 4	30
MEDELLÍN E A “REVELAÇÃO ESCANDALOSA DE DEUS”, SEGUNDO A CRISTOLOGIA DE J. SOBRINO	
Matheus da Silva Bernardes	
DOI 10.22533/at.ed.4581919124	
CAPÍTULO 5	38
A ESCUTA DA PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EM TEMPOS BARULHO	
Ademilson Tadeu Quirino	
DOI 10.22533/at.ed.4581919125	
CAPÍTULO 6	44
DO DEUS CRUCIFICADO AO POVO CRUCIFICADO: A “THEOLOGIA CRUCIS” NA CRISTOLOGIA DE JON SOBRINO	
Eugenio Rivas	
DOI 10.22533/at.ed.4581919126	
CAPÍTULO 7	52
NIILISMO E RELIGIÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O NIILISMO SOB A ÓTICA NIETZSCHIANA	
Eduardo Marcos Silva de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4581919127	

CAPÍTULO 8	61
UM ESTRANHO INCÔMODO À NOSSA PORTA: JESUS, UM PROFETA FRONTEIRIÇO	
Raphael Colvara Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.4581919128	
CAPÍTULO 9	71
ATUALIDADE DO ESPIRITISMO COMO RELIGIÃO	
Flávio Rey de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.4581919129	
PARTE II – INTERFACES COM A CIÊNCIAS DA RELIGIÃO	
CAPÍTULO 10	79
A “QUESTÃO RELIGIOSA” NA MANCHESTER MINEIRA: AS DIVERGÊNCIAS ENTRE A IGREJA CATÓLICA E A MAÇONARIA ENTRE FINS DO SÉCULO XIX E PRINCÍPIOS DO SÉCULO XX NA CIDADE DE JUIZ DE FORA	
Rafael de Souza Bertante	
DOI 10.22533/at.ed.45819191210	
CAPÍTULO 11	93
O ECUMENISMO : ANÁLISE A PARTIR DO PENSAMENTO DE ELIAS WOLFF	
Joel Haroldo Baade Adelcio Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.45819191211	
CAPÍTULO 12	106
O TERRENO BENDITO DO PRÓXIMO: A ARRISCADA PERIPÉCIA NA ABERTURA DIALOGAL COM O PRÓXIMO	
Antonio Carlos Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.45819191212	
CAPÍTULO 13	118
SEM INTERAÇÃO COM A VIDA E A NATUREZA NÃO HÁ RELIGIÃO: MUDANÇAS ESPACIAIS, TEMPORAIS, HUMANAS E A GAMIFICAÇÃO	
Giuliano Martins Massi	
DOI 10.22533/at.ed.45819191213	
CAPÍTULO 14	131
SUSTENTABILIDADE COMO EIXO INTEGRADOR DA EDUCAÇÃO	
Evaldo Apolinário	
DOI 10.22533/at.ed.45819191214	
CAPÍTULO 15	137
EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO RECONHECIMENTO DAS DIFERENÇAS	
Elivaldo Serrao Custodio	
DOI 10.22533/at.ed.45819191215	

CAPÍTULO 16	153
ELEMENTOS TEXTUAIS NO RELATO DA CURA DA MULHER ENCURVADA	
Rivadavio de Barros Gico Junior	
DOI 10.22533/at.ed.45819191216	
CAPÍTULO 17	166
RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE EM PESSOAS VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA	
Clarissa Mourão Pinho	
Eduardo Tavares Gomes	
César de Andrade de Lima	
Ana Catarina de Melo Araújo	
Sara Larissa de Melo Araújo	
Evelyn Maria Braga Quirino	
Morgana Cristina Lêoncio de Lima	
Mônica Alice Santos da Silva	
Cynthia Angelica Ramos de Oliveira Dourado	
Simone Andrade Gonçalves de Oliveira	
Maria Sandra Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.45819191217	
CAPÍTULO 18	182
OS CENÁRIOS DA RELIGIOSIDADE CONTEMPORÂNEA	
Celso Gabatz	
DOI 10.22533/at.ed.45819191218	
SOBRE OS ORGANIZADORES	194
ÍNDICE REMISSIVO	195

O ECUMENISMO : ANÁLISE A PARTIR DO PENSAMENTO DE ELIAS WOLFF

Data de aceite: 18/11/2019

Joel Haroldo Baade

Doutor. Docente nos Programas de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Sociedade e Profissional em Educação da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP. Caçador, Santa Catarina, Brasil. Contato: baadejoel@gmail.com.

Adelcio Machado dos Santos

Pós-Doutor. Docente nos Programas de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Sociedade e Profissional em Educação da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP. Caçador, Santa Catarina, Brasil. Contato: adelciomachado@gmail.com.

* Primeira versão do texto publicada em 2015 em Azusa - Revista de Estudos Pentecostais.

RESUMO: Com fulcro na obra de Wolff (2002; 2004; 2007), este artigo registra a doutrina ecumênica, envolvendo as comunidades cristãs, partindo da premissa, formulada pelo autobase, quanto à existência de juízo de valor ético das diferentes tradições religiosas, isto é, o trabalho dividido em benefício de uma renovada irmandade entre os seres humanos e a atenção especial com o Planeta. A religião contida dentro da espiral da reconciliação. Também para as formulações doutrinárias da fé cristã, há inquietações de ordem e procedência diversas que apontam para a necessidade de revisão

do dogma central da unicidade e singularidade de Jesus na mediação da salvícia universal. O Cristianismo deve atentar ao risco permanente do colonialismo ocidental. O Cristianismo necessita converter-se de seu fechamento ocidental e abdicar de toda identificação entre a catolicidade do cristão e a universalidade do ocidental. Como enfatiza Wolff, não haverá paz no mundo sem paz entre as religiões. No século XXI, o pluralismo religioso demonstra uma importância inevitável no novo cenário que se inicia. É observável uma presença crescente da diversidade religiosa no panorama mundial. Posto que ainda incipiente, faz-se mister efetuar abordagem iniciática do ecumenismo, para que a experiência continue avançando.

PALAVRAS-CHAVE: Ecumenismo. Elias Wolff. Pluralismo religioso.

THE ECUMENISM: ANALYSIS FROM THE THINKING OF ELIAS WOLFF

ABSTRACT: Based in the work of Wolff (2002; 2004; 2007), this paper records the ecumenical doctrine, involving the Christian communities, on the premise formulated by self basis, referring the existence of ethical value judgments of different religious traditions, that is, the work divided into benefit of a renewed brotherhood between humans and special attention to the Planet. The religion contained within the spiral

of reconciliation. Also for the doctrinal formulations of the Christian faith, there are privacy concerns and various merits pointing to the need to review the central dogma of the unity and uniqueness of Jesus in mediating universal salvation. Christianity should be aware of the constant risk of Western colonialism. Christianity needs to become his close Western and relinquish any identification between the catholicity and universality of the Christian West. As Wolff emphasizes, there will be no world peace without peace among religions. In the twenty-first century, religious pluralism demonstrates an inevitable importance in the new scenario begins. It is observable a growing presence of religious diversity on the global scene. Though still in its infancy, it is mister to make initiatory approach to ecumenism, so the experiment continues to advance.

KEYWORDS: Ecumenism. Elias Wolff. Religious pluralism.

INTRODUÇÃO

De acordo com Sinner, a obra de Elias Wolff, com amplo conhecimento, engajamento e atitude de respeito às discrepâncias, consegue demonstrar a necessidade do ecumenismo e suas formas atuais, definindo que isso acontece por meio do (*diá*) do encontro de saberes (*logos*) diferentes da fé cristã que se constrói a possibilidade da *oikoumene* na compreensão e vivência do *kerygma* cristão¹.

Segundo próprio Wolf, “um dos desafios mais urgentes para a reflexão teológica na atualidade é orientar o diálogo entre as diferentes concepções de Deus, da Igreja, do ser humano, da vida no planeta, apresentado pelas igrejas e religiões.”²

Salienta, outrossim, a pertinência deste fato, mais especificamente, por meio do diálogo ecumênico no Brasil a partir das igrejas-membro do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC). Restringe-se, por conseguinte, ao ecumenismo cristão entre as Igrejas Católica Apostólica Romana, Cristã Reformada, Episcopal Anglicana do Brasil, Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Metodista, Católica Ortodoxa Siriana do Brasil e Presbiteriana Unida³.

Faz-se mister clangorar que, com exceção da primeira, estas igrejas representam parcelas da nação brasileira, tendo ainda expressão regionalizada. A crescente minoria conhecida como “evangélica” são das igrejas pentecostais e neopentecostais, em sua maioria alheias ao ecumenismo.

As ideias do autor não representam necessariamente uma postura majoritária, contudo consegue fazer uma ponte entre ecumenismo de cunho institucional no Brasil e no mundo, por meio de diálogos bilaterais e multilaterais. Faz-se mister, porém, um ecumenismo de diálogo e consenso, indispensável para a continuidade

1 SINNER, Rudolf von. Caminhos do Ecumenismo no Brasil: história, teologia, pastoral. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Disponível em: <http://www.itf.org.br/revistas/reb/253_6.php>. Acesso em: 25 set. 2008; WOLFF, Elias. **Caminhos do ecumenismo no Brasil**: história, teologia, pastoral. São Paulo: Paulus, 2002. p. 17.

2 WOLFF, 2002. p. 15.

3 WOLFF, 2002, p. 17.

dos laços fraternos estabelecidos a partir de contatos pessoais e colaborações na prática.

Pikaza, à guisa de exemplo, destaca que os cristãos só podem afirmar sua identidade se buscarem o bem dos demais, isto é, dos não cristãos, mais que o seu próprio. Um cristão que quisesse o triunfo exclusivo de sua Igreja não seria seguidor daquele Jesus que morreu precisamente por negar a imposição de um tipo de sistema religioso particular e que ressuscitou para abrir o Reino, de modo afetivo, espiritual e humano, a todas as pessoas. O cristianismo só é verdadeiro quando, sendo o que é, é inspiração ou movimento que se abre para as demais religiões, conspirando com elas para explorar melhor a riqueza da vida que sempre supera a existência individual⁴.

Nesse sentido, nenhum sistema religioso está apto a afirmar-se absoluto, pois o mistério ao qual os sistemas religiosos fazem alusão jamais poderá ser exaurido.

Existe sempre um além no mistério que aparece como objeto de culto das igrejas e religiões e, conseqüentemente, objeto da reflexão teológica, que não pode ser apreendido em sua totalidade, o que mostra que qualquer compreensão que dele se tenha será sempre limitada.⁵

Reconhecido este fato, deve-se reconhecer também que as diferentes apropriações do mistério têm a sua identidade definida e formulada de modo legitimamente autônomo. Cabe, portanto, à teologia a tarefa de cessar com os seus “eternos monólogos” para adentrar às possibilidades de “diálogos”, pois “só no horizonte dos diálogos é possível o encontro de diferentes saberes acerca do mesmo objeto.”⁶

ONTOLOGIA ECUMÊNICA

Wolff relata que os organismos ecumênicos são manifestações dos esforços por congregar os ideais da unidade e da comunhão entre pessoas, sociedades, culturas, igrejas e religiões. Aspiram pela realização da *oikoumene* como o espaço de vida comum entre todos. Em sua grande maioria, trabalham em duas frentes, simultaneamente, a saber: a religiosa, particularmente na busca da realização da unidade dos cristãos; e a social, buscando um outro mundo possível. Ao mesmo tempo em que expressam e fortalecem a aspiração ecumênica, prestam também um serviço imprescindível aos ideais por uma sociedade melhor, mais justa, fraterna e solidária⁷.

4 PIKAZA, Xabier. **Violência e diálogo das religiões**: um projeto de paz. São Paulo: Paulinas, 2008.

5 WOLFF, 2002, p. 15.

6 WOLFF, 2002, p. 17.

7 WOLFF, Elias (Org.). **Exercitando a cooperação**. Florianópolis: ITESC, 2006.

Já em “Caminhos do ecumenismo no Brasil”, Wolff havia salientado que:

Os desafios para o ecumenismo apresentam-se em dois principais horizontes: no interior do pluralismo eclesial e no interior da sociedade, sendo que nesta, além das questões sociais, o diálogo precisa contemplar também as questões oriundas do pluralismo religioso. Tais desafios são de natureza teológica, pastoral e social.⁸

Muitos são os organismos ecumênicos no Brasil, cada um com sua proposta específica, sua finalidade, sua metodologia de trabalho. Essa variedade faz com que os organismos consigam contemplar em suas agendas a totalidade das lutas sociais. Wolff afirma ainda que há organismos que se ocupam com as questões sociais em geral e outros que se dedicam a uma causa específica, como a violência infantil, as relações de gênero, as questões do trabalho, a ecologia e meio ambiente e a educação⁹. Pode-se dizer, em consonância com o pensador, que toda a vida social é assumida pelos organismos ecumênicos. Eles são, dessa forma, dinamizadores de propostas por uma vida na justiça da partilha das condições de sobrevivência para todas as pessoas.

Sinner, ao analisar textos de Wolff, enfatiza que o ecumenismo no Brasil tem o diferencial de ter surgido da cooperação na luta contra a opressão e pela libertação e da opção pelos pobres feita pela Igreja Católica Romana e por algumas igrejas evangélicas¹⁰.

O autor, fulcro deste artigo, apresenta uma ampla introdução à temática, demonstrando os desafios para o ecumenismo no Brasil. Além disso, descreve a existência de fatores jurídicos, teológicos e pastorais que fazem com que a situação do pluralismo cristão no Brasil seja tão complexa e, por conseguinte, o diálogo, tão difícil. Existiram muitos desencontros, especialmente entre o catolicismo romano e o protestantismo de missão que procurava inserir-se no Brasil, a partir da segunda metade do século XIX¹¹.

Todavia, as igrejas adversam reptos que lhes são comuns, quais sejam, o crescimento célere do pentecostalismo, a diversidade religiosa – que não segue os padrões da Europa e, por conseguinte, precisa de uma resposta diferente – e a situação social no país criam conflitos (ideológicos, econômico-sociais, de raça e de gênero) dentro das próprias igrejas¹². A partir dessa constatação, Wolff acentua que:

torna-se difícil delinear o problema de como chegar a plasmar a unidade do povo de Deus no interior de uma sociedade dividida. As igrejas são interpeladas por essa realidade, sobretudo quando se considera que ela tem provocado e provoca o sofrimento injusto e a morte de membros do povo de Deus.¹³

8 WOLFF, 2002, p. 73.

9 WOLFF, 2006.

10 SINNER, 2008.

11 WOLFF, 2002, p. 61ss.

12 WOLFF, 2002, p. 70s.

13 WOLFF, 2002, p. 72.

No alvitre de Sinner, Elias Wolff demonstra que existe uma história do ecumenismo do Brasil a partir da criação da Aliança Evangélica Brasileira (AEVB), em 1903, quando se tem início o ecumenismo interprotestante¹⁴, seguido por uma segunda fase, a partir de 1960, com a entrada de católicos romanos e anglicanos¹⁵, e uma terceira, que se inicia com a formação do CONIC, em 1982¹⁶. Nesses anos, foi observado que as expressões institucionais do ecumenismo tiveram um caráter mais técnico¹⁷.

A obra de Wolff indaga ainda pelo fundamento teológico para o ecumenismo, partindo do pressuposto “de que unidade, enquanto aspiração cristã, tem fundamentação teológica.”¹⁸ Segundo o autor, há diversos fatores nas várias igrejas que complicam o diálogo ecumênico, entre eles, a indiferença e o fundamentalismo. Alguns fatores são tidos como despertadores para a consciência ecumênica, como o Concílio Vaticano II com seu decreto sobre o ecumenismo (“*Unitatis redintegratio*”) e as conferências regionais (Medellín, Puebla, Santo Domingo) que o seguiram, bem como a Encíclica papal “*Ut unum sint*”, de 1995. Da mesma forma, ressalta-se ainda a importância de entidades ecumênicas e o nascimento da Teologia da Libertação, empreitada ecumênica desde o início¹⁹.

Diante dos grandes desafios, que lhes são comuns, cristãos, teólogos e lideranças das várias igrejas começaram a colaborar. Estas iniciativas foram locais, mas com repercussão e apoio internacionais. Entretanto, elas não foram suficientes para a elaboração de uma “proposta articulada de ‘teologia ecumênica’”²⁰. Fatores sociais, eclesiais e teológicos que podem fundamentar o ecumenismo estariam implicados nessas ações, segundo Wolff, mas:

O que se faz necessário é articular esses fatores, acreditando que nos encontros e desencontros entre eles é possível a verificação de elementos que possibilitem explicitar a existência de uma perspectiva ecumênica na reflexão da fé, explícita ou não nos trabalhos de teólogos das diversas igrejas que promovem o diálogo ecumênico local.²¹

Nesse propósito, Wolff insiste ainda para a importância de uma “proposta metodológica para a reflexão da fé”, em que é preciso um aprofundamento teológico, além da simples colaboração²². Para tal, é preciso uma metodologia baseada numa hermenêutica da Bíblia e da Tradição, enfatizando o aspecto da *koinonia*/comunhão.

O testemunho da *koinonia* implica em aceitar o risco difícil de viver juntos,

14 WOLFF, 2002, p. 77-80.

15 WOLFF, p. 2002, p. 103ss.

16 WOLFF, 2002, p. 128ss.

17 SINNER, 2008.

18 WOLFF, 2002, p. 155.

19 WOLFF, 2002, p. 155ss.; SINNER, 2008.

20 Wolff apud SINNER, 2008.

21 WOLFF, 2002, p. 155.

22 WOLFF, 2002, p. 170; SINNER, 2008.

na mesma comunidade, embora divergindo e assumindo no Espírito de Cristo as contradições do nosso tempo: a aceitação do risco de prolongar o diálogo [...] A *koinonia* tem perspectiva missionária e propedêutica: testemunha e ensina a viver a fé em Deus. Assim, na medida em que as igrejas testemunham a *koinonia* alimentando-a pela vivência da fé, na celebração dos sacramentos, na prática da caridade e na comunhão com os pastores, o mundo poderá reconhecê-las como o lugar da adoração do verdadeiro Deus (1Cor 14,23-25).²³

Por isso, o autor, do mesmo vértice, propõe a convivência dos cristãos²⁴, a cooperação ecumênica²⁵ e o diálogo teológico-doutrinal²⁶, como momentos da teologia ecumênica, e o testemunho em comum como aspecto fundamental do caminho do ecumenismo. Ressalta, com direito, na necessária reconciliação entre o ecumenismo “prático” e o ecumenismo “doutrinal”, sendo estes, na verdade, as duas faces da mesma moeda²⁷.

Adita, outrossim, que uma reflexão sistemática na perspectiva ecumênica, centrada no amplo horizonte da *koinonia*, avance para além das dificuldades que deixam a Teologia da Libertação numa “estagnação” e “perplexidade”. O autor destaca a importância do horizonte temático da teologia ecumênica, com aspectos bíblicos²⁸, históricos²⁹, culturais³⁰, missiológicos³¹, escatológicos³² e místicos³³. Nesse sentido, Wolff acentua que:

Os estudos históricos, teológicos e pastorais tanto da Igreja Católica quanto de outras comunhões eclesiais no Brasil apresentam uma profunda carência na apresentação das suas relações ecumênicas. O caráter eminentemente confessional desses estudos tende a desconsiderar, na maioria das vezes, a sua dimensão ecumênica, e quando a temática aparece é, normalmente, apenas um item entre outros, quase como um fenômeno estranho no contexto histórico, teológico e pastoral das igrejas.³⁴

Wolff empreende elementos constitutivos da unidade da Igreja, ressaltando o consenso já alcançado, e questões de contínua divergência. Estes elementos incluem a compreensão da própria natureza da igreja – que pode ser tido como um aspecto de grande importância (e divisório) no diálogo ecumênico³⁵. A partir disso, o

23 WOLFF, 2002, p. 199.

24 WOLFF, 2002, p. 188s.

25 WOLFF, 2002, p. 189ss.

26 WOLFF, 2002, p. 191s.

27 WOLFF, 2002, p. 192ss.

28 WOLFF, 2002, p. 203ss.

29 WOLFF, 2002, p. 209ss.

30 WOLFF, 2002, p. 213ss.

31 WOLFF, 2002, p. 218ss.

32 WOLFF, 2002, p. 223ss.

33 WOLFF, 2002, p. 227ss.

34 WOLFF, 2001.

35 WOLFF, Elias. **Ministros do diálogo**: o diálogo ecumênico inter-religioso na formação presbiteral. São Paulo: Paulus, 2004.

autor afirma que o ponto de partida para a unidade é:

a constatação de que [...] existe a busca da unidade. Essa exige, de um lado, a identificação dos elementos que constituem a unidade e, de outro lado, a comunhão das igrejas nesses elementos. Essa identificação e comunhão vão se explicitando no processo do diálogo ecumênico, de acordo com os seus agentes, o contexto socioeclesial e a intensidade com que as instituições eclesiais e os cristãos nele se integram.³⁶

A variedade de expressões eclesiais não significa necessariamente uma contradição, pois, conforme o pensador estudado, o que se deve buscar é a unidade em conteúdo e não uniformidade nas suas formas de expressão. Este, aliás, já foi uma das constatações entre os reformadores protestantes do século XVI. Na Confissão de Augsburgo, em seu artigo 7, lê-se: “E para a verdadeira unidade da igreja cristã não é necessário que em toda a parte se observem cerimônias uniformes instituídas pelos homens.”³⁷

Outro fator destacado é a unidade na fé, onde são apresentados processos de diálogo ecumênico sobre a confissão de fé e a doutrina da justificação, áreas nas quais foram alcançados consensos bastante amplos. Em síntese, os elementos convergentes na compressão da fé estão no seu entendimento como um dom que vem do próprio Deus; que o seu objeto é igualmente o próprio Deus; que ela é um ato eclesial, manifestando-se na proclamação da ressurreição de Cristo; e que a fé é também um ato humano, como resposta do ser humano à ação de Deus³⁸.

Sinner clama que Wolff apresenta uma abordagem da unidade sacramental, ponto de consenso avançado no que se refere ao batismo³⁹, mas de contínua polêmica em torno da Santa Ceia/Eucaristia⁴⁰. Entre diversos argumentos importantes, destaca a necessidade em relação ao compromisso da celebração como afirmação da unidade do corpo de Cristo, num contexto de vida em que o alimento se torna motivo de angústia e sofrimento, sendo fundamental que o sentido do repartir o pão seja experiência de partilha e solidariedade⁴¹.

O autor destaca ainda a questão do ministério ordenado. Esse é considerado um dos pontos de maior divergência, de maneira especial entre católicos romanos e protestantes. Até o primado papal parece aceitável aos não romanos, especialmente aos anglicanos, como ministério universal da unidade, pressupondo um poder partilhado com outros primazes – visão igual à das igrejas ortodoxas. O dissenso, por sua vez, situa-se especialmente nas questões referentes à natureza, estrutura e sujeito do ministério ordenado. O esforço do diálogo ecumênico, pois, deve-se

36 WOLFF, 2002, p. 233.

37 **Confissão de Augsburgo de 1530**. Artigo 7.

38 WOLFF, 2002, p. 258-281.

39 WOLFF, 2002, p. 293ss.

40 WOLFF, 2002, p. 297ss.

41 SINNER, 2008. Veja WOLFF, 2001 e WOLFF, 2002, p. 310s.

buscar conciliar as diferentes posições, “de modo a possibilitar futuramente um mútuo reconhecimento no serviço prestado à única Igreja de Cristo.”⁴²

Wolf, em sua obra “Caminhos do Ecumenismo no Brasil”, por fim, referencia a relação entre ecumenismo e promoção humana. O autor afirma que “as diferentes igrejas manifestam a preocupação de acompanhar e assistir o ser humano inserido no tecido das relações sociais como um fator inerente à natureza missionária que todas afirmam possuir.”⁴³ Para ele, a cooperação ecumênica, promovida especialmente pelas Entidades Ecumênicas de Serviço, “surge como imperativo da comunhão na mesma fé e na mesma realidade social”⁴⁴. Ressalta que esta práxis não pode nem deve ficar apenas com algumas pessoas, servindo como uma espécie de “tribo ecumênica”, num exclusivo “ecumenismo de base”, mas precisa perpassar os níveis eclesiais e de entidades ecumênicas. Por isso, Wolff situa a trajetória rumo à unidade em três diferentes caminhos: o teológico, o pastoral e o social. O teológico situa-se nos diálogos entre as igrejas, especialmente através de comissões e entidades ecumênicas; o pastoral sedimenta-se sobre a convicção de que há um compromisso comum de anunciar o Evangelho de Cristo para o mundo; e o social reside na necessidade partilhada de promover a vida humana de modo a superar os abismos econômicos, sociais, culturais e políticos que separam pessoas e comprometem a trajetória ecumênica⁴⁵.

APONTAMENTOS PARA UM MÉTODO DE ECLESIOLOGIA ECUMÊNICA

A cooperação é entendida por Elias Wolff como parte integral da missão das igrejas, recebendo enfoques ecumênicos em ações como a Campanha da Fraternidade 2000 – ecumênica –, espaço tradicionalmente ocupado pelos católicos romanos, mas naquele ano promovida em parceria com o CONIC. Dessa forma, fica visível que a união das igrejas na história não tem um fim em si mesma, mas apresenta-se como caminho para a unidade do gênero humano.

Wolff enfatiza que o ecumenismo pode trilhar diversos caminhos, isso tudo, com um ar refrescante e de esperança para um diálogo que vem mostrando sinais de cansaço e de graves resistências por parte de diversas igrejas⁴⁶. Para o autor:

[...] não poucos adotam atitudes que vão do fechamento e intolerância ao indiferentismo e ao relativismo. Para alguns, vigora a absolutização das posições. Para outros, um vale-tudo sincrético. Em ambos os casos foge-se da necessidade de ter de aprofundar a compreensão da realidade do pluralismo, postergando a

42 WOLFF, 2002, p. 320.

43 WOLFF, 2002, p. 343.

44 WOLFF, 2004.

45 WOLFF, 2002, p. 410s.

46 WOLFF, 2004. LIBÂNIO, João Batista. Prefácio. In: WOLFF, Elias. **A unidade da Igreja**. São Paulo: Paulus, 2007. p. 9-17.

Isso se deve em muitos casos à fragilidade das motivações e convicções das orientações das lideranças eclesiais⁴⁸. Nesse sentido, no que concerne à formação de ministros religiosos, Wolff acentua a importância de uma “mística ecumênica”, que é entendida como disposição espiritual, implicando uma “conversão interior”, uma *kênosis*, ou seja, uma postura de humildade e serviço, facilitando a “reconciliação e o perdão mútuo”.

Eis por que a formação ecumênica nos seminários recebe uma importância fundamental: ela deve possibilitar aos futuros presbíteros um “espírito ecumênico” que se manifeste pela conversão do coração, pela renovação do comportamento e pela flexibilidade nos métodos de afirmação das suas convicções, favorecendo a manifestação da verdade da Igreja no relacionamento com as demais tradições eclesiais.⁴⁹

Nesses termos, a formação teológica ecumênica não pode ser mero apêndice da formação teológica geral, mas deve constituir-se em eixo transversal em todas as disciplinas teológicas e, por consequência, de toda a eclesiologia cristã⁵⁰. Em outros termos, Wolff define o ecumenismo como “princípio formal” que deve servir de “elemento orientador da reflexão, que estabelece a perspectiva ou o modo adequado para se compreender algo, no caso a Igreja em sua dimensão mística e institucional.”⁵¹

A edificação da unidade da Igreja através do ecumenismo implica, ainda, diálogo entre iguais e não entre superiores e inferiores. A mística ecumênica permite ver que as divisões atingem mais os aspectos acidentais e estruturais da Igreja, no que se refere à sua manifestação visível, estruturas de organização e estruturas doutrinárias, do que a sua essência⁵². Essa postura relativiza as separações, já que adota uma visão mais profunda, procurando a unidade no próprio Deus. Destarte, é possível superar os impasses que recentes documentos eclesiais vêm reforçando. Nos termos do próprio Wolff:

No contexto plural, a eclesiologia precisa ser corajosa e profética. Precisa dialogar com o fenômeno do pluralismo eclesial, discernindo quando ele é fator e expressão da divisão e quando é expressão de positivas perspectivas eclesiais diferenciadas do evangelho.⁵³

47 WOLFF, 2004, p. 5s.

48 WOLFF, 2004, p. 6.

49 WOLFF, 2004, p. 122.

50 LIBÂNIO, 2007 apud WOLFF, 2007, p. 12.

51 WOLFF, Elias. Possibilidades e limites de uma eclesiologia ecumênica – traços de um caminho. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 33-54, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://revista-seletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/9201/6335>>. Acesso em: 06 nov. 2013. p. 37.

52 SINER, 2008.

53 WOLFF, 2011, p. 36.

Pode-se dizer que, antes de qualquer consenso doutrinário, o ecumenismo nasce de uma postura, de um hábito ecumênico, de um *modus vivendi*⁵⁴. A ideia do “prestar contas mutuamente”, mencionada em diferentes documentos ecumênicos, embora nem sempre levada à prática, postura que entende que os cristãos e as igrejas têm a tarefa de mutuamente “prestar contas” de como vivem sua fé, é fundamental para a vivência ecumênica⁵⁵. Destarte, na posição de igreja, não se pode viver como se as outras não existissem. Essa postura tem uma importante raiz no pensamento do metodista argentino Bonino, conseqüentemente, uma estreita relação com o contexto latino-americano⁵⁶.

Wolff enfatiza assim, e com direito, a necessidade de uma metodologia e hermenêutica ecumênicas. A hermenêutica tem que ser expandida para tratar do relacionamento entre as igrejas, pois “o que deve se explorar é a possibilidade de que o mistério cristão seja melhor explicitado pelo encontro das diferentes hermenêuticas” confessionais, situando a teologia ecumênica “na tensão permanente entre a confessionalidade e a interconfessionalidade, a universalidade e a particularidade vivida pelos cristãos”⁵⁷. Em outro momento, Wolff refere esta tensão e a necessidade do diálogo ecumênico em dois âmbitos: “no interior da Igreja, entre os discípulos-missionários de Cristo, organismos e instituições eclesiais [confessional]; e o diálogo externo, que expressa a relação da Igreja com a sociedade e sua inserção no diálogo ecumênico [interconfessional] e inter-religioso [metaconfessional].”⁵⁸

Esse assunto vem sendo discutido também nos bastidores da Comissão de Fé e Constituição do Conselho Mundial de Igrejas (CMI). De fato, cita-se, o documento “Um tesouro em vasos de argila”, elaborado por esta Comissão. Configura-se de suma relevância a exploração deste documento, porquanto trata de assuntos de interesse comum na discussão das igrejas. Efetua-se a discussão, nesse texto, da “contextualidade e catolicidade” que permite cruzar as questões doutrinárias com a inserção no contexto específico do Brasil e da América Latina⁵⁹. O documento desenvolve uma noção qualitativa da catolicidade em vez de ligá-la, nas palavras de Wolff, a uma tradição eclesial única e à superioridade numérica⁶⁰.

Conseqüência disso deveria ser a de sempre diferenciar entre “católicos romanos” ou a “Igreja Católica Romana” e “católicos” no sentido amplo, na “catolicidade” de toda a Igreja de Cristo, diferenciação efetuada em muitos lugares. Pela mesma razão, o termo “acatólicos”, não faz sentido. Estas pessoas deveriam

54 WOLFF, 2011, p. 34.

55 SINNER, Rudolf von. O debate eclesiológico no Conselho Mundial de Igrejas. **Teocomunicação**. Porto Alegre, v. 36, n. 153, p. 599-621, set. 2006.

56 Bonino apud SINNER, 2008.

57 SINNER, 2008; LIBÂNIO, 2007 apud WOLFF, 2007, p. 12-13. Veja também WOLFF, 2011.

58 WOLFF, 2008; WOLFF, 2011, p. 34; 44-46.

59 CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS NO BRASIL. **Um tesouro em vasos de argila**: instrumento para uma reflexão ecumênica sobre a hermenêutica. Brasília, 2000.

60 WOLFF, 2004.

antes ser chamadas “cristãos não romanos”, pois também evangélicos oriundos da Reforma e, em especial, anglicanos consideram-se “católicos” segundo a Confissão de Fé de Nicéia-Constantinopla. Por questões como essa, a metodologia para uma eclesiologia ecumênica deve, necessariamente, incluir a reflexão sobre a linguagem de modo tal que se possa expressar o universo teológico que é comum a todas as igrejas⁶¹.

Wolff faz ainda um paralelo entre o diálogo teológico-doutrinal, a cooperação prática e a missão, todas as dimensões indispensáveis para o ecumenismo. Assim, ressalta, que a busca da unidade é um compromisso com a integridade da pessoa, vendo o ecumenismo como “missão e serviço à pessoa na sociedade”⁶². Por conseguinte, inclui o engajamento pela cidadania, indispensável num país onde seu pleno exercício ainda é inacessível para grande parcela da população. Este aspecto é considerado uma contribuição muito valiosa do ecumenismo brasileiro ao movimento ecumênico mundial.

Nesse sentido, caberia cada vez mais uma reflexão da cidadania não apenas como pertença a um Estado nacional, mas como cidadania planetária. As igrejas têm um compromisso com toda a criação divina e, em decorrência disso, a cidadania planetária pode tornar-se justamente um elo de cooperação e diálogo ecumênico e inter-religioso. Trata-se de buscar a unidade em meio à diversidade, através do testemunho da *koinonia*, em que as confissões colocam-se a serviço umas das outras e do mundo, superando as tensões e divisões que contradizem a vontade de Cristo. Este é, para Wolff, um dos primeiros elementos essenciais do método para uma eclesiologia ecumênica⁶³.

Uma segunda questão fundamental para a concepção de uma eclesiologia ecumênica, segundo Wolff, consiste no estabelecimento de uma hierarquia de verdades. Nem todas as afirmações doutrinárias têm o mesmo peso e importância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Caminhos do Ecumenismo no Brasil, Elias Wolff viabiliza uma ontologia do ecumenismo no Brasil, focando especialmente as tradições religiosas cristãs e históricas. A partir da análise realizada, o autor conclui que o itinerário do ecumenismo brasileiro é marcado por avanços e retrocessos, e que a necessidade do diálogo autêntico entre as igrejas é compromisso irrevogável.

Depreende-se da análise realizada que o risco do colonialismo ocidental ainda é presente nas abordagens e diálogos entre as igrejas, o que compromete a trajetória rumo a um ecumenismo efetivo. Nesse sentido, a catolicidade do cristão ainda

61 WOLFF, 2007, p. 22-23.

62 WOLFF, 2004.

63 WOLFF, 2011, p. 47.

precisa ser afirmada e dissociada do universalismo do ocidental. O dogma central do cristianismo quanto à unicidade e singularidade de Cristo na mediação salvífica universal, nesses termos, precisa ser ponto de profundo diálogo e discussão nas igrejas que pretendem rumar à cooperação mais autêntica. Talvez seja necessário indagar, inicialmente, o que de fato é universal no Cristo, o aceite racional do que se formulou a ser respeito ao longo da história ou a vivência que decorre do seu seguimento. Mas não se cairia aqui novamente no propósito de encontrar o Jesus Histórico, independente da tradição eclesiástica através da qual Ele ainda hoje é conhecido? Enfim, a questão ainda suscita mais perguntas do que respostas e, justamente por isso, precisa ser foco de análise e debate para que o ecumenismo possa avançar.

Wolff constata a necessidade da interação entre a formação para o diálogo interreligioso e a formação presbiteral como uma única realidade a ser trabalhada na vida dos presbíteros⁶⁴. Para o autor, é fundamental considerar que o diálogo é elemento constitutivo da formação e da vida do ministro da Igreja. É por ele que a dimensão ecumênica da Igreja aparece como o horizonte no qual o presbítero realiza sua missão de orientar o povo de Deus, na vivência da unidade e comunhão em Cristo. E isto, ressalta o autor, objeto deste estudo, não se alcança sem a atitude evangélica, e não menos profética, que promove o encontro entre igrejas e religiões; importa que os futuros pastores e sacerdotes estejam instruídos, segundo este espírito, não polemicamente.

Evidentemente, cumpre ter clareza sobre os meios, os caminhos e os modos de participar no trabalho ecumênico. Essa necessidade poderá exigir prudência e cautela nos caminhos do diálogo, mas não admite a recusa de caminhar. O ecumenismo, salienta o autor, colima entendimento sobre a *ecumene*, em todos os seus aspectos e envolvendo todos os seus agentes. Não é o diálogo que envolve apenas um grupo ou uma das suas características. No ecumênico a prioridade não são as particularidades, mas o todo. Obviamente, o todo não existe sem as partes, de modo que são as particularidades e especificidades dos grupos em diálogo que constroem o horizonte total da *ecumene*. Todavia, não se pode limitar o todo a uma das partes, de modo que não se pode limitar o *ecumênico* às motivações, aos objetivos e interesses de apenas um dos grupos em diálogo.

Em decorrência de tudo isso, Wolff pleiteia a necessidade de um método para a eclesiologia ecumênica, que apresente com clareza as regras do pensar ecumênico sobre a igreja. Para o autor, o ecumenismo não pode ficar alheio a necessidade de reflexão e vivência de uma cidadania planetária, o que incute uma dimensão de sociedade à questão ecumênica. Da mesma forma, um método de eclesiologia ecumênica deve ocupar-se com as questões teológicas das igrejas, para o que é

64 WOLFF, 2004.

de vital importância que estabeleça-se uma hierarquia de verdades, especialmente para que um início de diálogo possa ser viabilizado. E, por fim, é primordial uma hermenêutica da comunhão, ou seja, tornar a própria vivência e, especialmente, a convivência das igrejas objeto de reflexão de modo que a cooperação e o diálogo conjunto sejam fomentados. A trajetória das igrejas individual e coletivamente precisa ser referência e, dessa forma, autoridade para a promoção da paz no mundo inteiro.

REFERÊNCIAS

CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS NO BRASIL. **Um tesouro em vasos de argila:** instrumento para uma reflexão ecumênica sobre a hermenêutica. São Paulo: Paulus, 2000.

LIBÂNIO, João Batista. Prefácio. In: WOLFF, Elias. **A unidade da Igreja.** São Paulo: Paulus, 2007.

PIKAZA, Xabier. **Violência e diálogo das religiões:** um projeto de paz. São Paulo: Paulinas, 2008.

SINNER, Rudolf von. Caminhos do Ecumenismo no Brasil: história, teologia, pastoral, **Revista Eclesiástica Brasileira.** Disponível em: <http://www.itf.org.br/revistas/reb/253_6.php>. Acesso em: 04 out. 2012.

_____. O debate eclesiológico no Conselho Mundial de Igrejas. **Teocomunicação.** Porto Alegre, v. 36, n. 153, p. 599-621, set. 2006. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/1751/1284>>. Acesso em: 06 nov. 2013.

WOLFF, Elias. **A unidade da Igreja.** São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **Caminhos do Ecumenismo no Brasil:** história, teologia, pastoral. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. Possibilidades e limites de uma eclesiologia ecumênica – traços de um caminho. **Teocomunicação,** Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 33-54, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/9201/6335>>. Acesso em: 06 nov. 2013.

_____. **Ministros do diálogo:** o diálogo ecumênico inter-religioso na formação presbiteral. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. O Diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo no Documento de Aparecida. **Revista Eclesiástica Brasileira,** Petrópolis, n. 271, p. 532-569, 2008.

_____. Os caminhos rumo à unidade cristã no Brasil. **Revista Eclesiástica Brasileira,** Petrópolis, n. 244, p. 771-802, 2001. Disponível em: <http://www.itf.org.br/revistas/reb/244_1.php>. Acesso em: 04 out. 2012.

_____. (Org.) **Exercitando a cooperação.** Florianópolis: ITESC, 2006.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Marcelo Máximo Purificação - Pós-doutor em Educação pela Universidade de Coimbra, Portugal. Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás -2014). Doutorando em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES 2017). Mestrado Profissional em Teologia: Educação Comunitária Infância e Juventude pela Escola Superior de Teologia - EST/UFRGS e Mestre em Ciências Educacionais pela UEP. A nível de graduação, possui formação multidisciplinar (licenciatura e bacharelado) cursados no período (1993-2011), sendo: Licenciatura Plena em Matemática (UEG), Licenciatura em Pedagogia (ICSH/UFG), Licenciatura em Filosofia (FBB/UNIT) e Bacharelado em Teologia (FATEBOV). Professor Titular C-I (Estatutário) da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior FIMES/UNIFIMES, lotado na Unidade Básica das Humanidades. Professor P-IV da Secretaria Estadual de Educação de Goiás SEDUCE/GO. Professor Permanente no Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Linha de Pesquisa: Novas de Subjetivação e Organização Comunitária. [Sem vínculo empregatício]. Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu - Mestrado em Educação) da Faculdade de Inhumas – FACMAIS - Linha de Pesquisa: Educação, Instituições e Políticas Educacionais. Professor Coorientador nos Programas de Pós-Graduação em Ensino (PPGEns) e Ciências Exatas (PPGECE) da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES. Coordenador do Grupo de Pesquisa (NEPEM/UNIFIMES); Editor adjunto da Revista Educação, Psicologia e Interfaces da UFMS. Atualmente pesquisa e escreve sobre os seguintes temas: ensino; formação de professores; currículo; processos educativos; violência escolar; e filosofia e seus eixos temáticos. E-mail: maximo@unifimes.edu.br

Elisângela Maura Catarino - Pós-doutora em Educação Especial pela Escola Superior de Educação de Coimbra – ESEC/Pt. Doutora em Ciências da Religião pela PUC-Goiás. Mestra em Teologia: Educação Comunitária Infância e Juventude pela EST/UFRGS. Graduada em Letras pela UEG e em Filosofia pelo ICSH. Professora efetiva da Secretaria Estadual de Educação de Goiás e Professora Titular da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior (FIMES). Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudo Pesquisa Multidisciplinar (NEPEM) Colíder do Grupo de Estudos... da UFMS. Atualmente estuda e pesquisa sobre a Educação Especial e Formação do Leitor. E-mail: maura@unifimes.edu.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Animismo 1, 2, 3

Aspecto religioso 71, 72, 75, 76

C

Cristologia 22, 30, 31, 33, 44, 45, 46, 47, 48, 51, 136

Cura 3, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 163, 165, 172, 176, 179

D

Diferenças 23, 107, 110, 114, 120, 137, 138, 139, 140, 141, 146, 152, 170

E

Ecumenismo 77, 93, 94, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105

Educação ambiental 131, 133, 134, 136

Escuta 10, 38, 39, 40, 41, 42, 116, 163

Espiritismo 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 106, 116

G

Gamificação 118, 128, 129

Globalização 61, 62, 63, 64, 69, 77, 112, 113, 192

H

HIV 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181

I

Inteligência senciente 7, 8, 9, 10, 17

L

Laudato si' 1, 2, 3, 4, 5, 6, 135, 136

Liturgia 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 38, 39, 40, 41, 42, 43

M

Maçonaria 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Mulher 136, 153, 158, 159, 160, 161, 163, 165

N

Natureza 2, 3, 4, 5, 18, 22, 28, 57, 59, 77, 83, 96, 98, 99, 100, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 155, 157

Nihilismo 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

P

Palavra de Deus 18, 19, 22, 38, 39, 40, 41, 42

Pluralismo religioso 82, 93, 96, 188

Povo crucificado 44, 46, 47, 48, 50

Profeta fronteiro 61, 65, 67

R

Reconhecimento 37, 47, 67, 100, 110, 112, 113, 123, 137, 139, 140, 144, 150

Relacionamento 101, 102, 106, 108, 109, 110, 115, 161

Religião 1, 2, 6, 52, 53, 55, 56, 58, 59, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 85, 87, 91, 93, 111, 112, 116, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 130, 131, 163, 167, 168, 172, 174, 175, 176, 177, 179, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194

Religiosidade 2, 3, 4, 72, 77, 117, 153, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 191

Romanização 79, 80, 85, 86, 90

S

Silêncio 38, 39, 40, 41, 42

Sustentabilidade 131, 132, 133, 134, 135, 136

T

Teologia da libertação 44, 50

V

Valores 32, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 67, 68, 69, 80, 85, 88, 108, 109, 112, 113, 114, 138, 146, 150, 184, 186, 190, 191

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-845-8



9 788572 478458